

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UM DESAFIO PARA O ENSINO, A PESQUISA E A EXTENSÃO

Maria Clara de C. Monteiro Gonçalves*
Gracia Fonseca**

Resumo: *O Programa de Educação e Cidadania da UCSal (PEC) implementa ações desde 1989, através da Superintendência de Extensão e Ação Comunitária (SEAC), voltadas para o processo de ensinar e de aprender na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Tem como sujeitos da aprendizagem funcionários da UCSal e pessoas da comunidade externa, além de estudantes da graduação que atuam no Programa enquanto estagiários-professores. Configura-se como uma iniciativa da UCSal que busca atender as demandas da sociedade, investindo na articulação entre ensino, pesquisa e extensão, de forma a não separar universidade e comunidade; para tanto, alia a formação dos alunos da graduação ao desenvolvimento de programas sociais, construindo uma prática educacional crítica e ética, através da qual busca assegurar o caráter emancipador do seu fazer enquanto instituição universitária. Neste contexto, apresentamos aqui os referenciais teóricos e metodológicos que fazem parte do cotidiano do PEC, os quais fundamentam a sua proposta político-pedagógica e alicerçam a construção de novos referenciais didáticos-científicos na Educação de Jovens e Adultos.*

Palavras-chave: Educação de Adultos; Ensinar; Aprender

O Programa de Educação e Cidadania caracteriza-se como uma experiência de ensino e extensão, cujas ações estão voltadas para a alfabetização e complementação da escolaridade de jovens e adultos que não frequentaram a escola em “idade apropriada”, bem como para a formação do professor-pesquisador, enquanto profissional que busca o refazer da práxis pedagógica através da análise sistemática da prática desenvolvida no cotidiano da sala de aula.

O Programa configura no seu público, alunos jovens, adultos e idosos que estão em processo de escolarização do Ensino Fundamental. Portanto, características diferenciadas dessas faixas etárias vão definindo singularidades próprias e coletivas ao fazer pedagógico. Com os estudos avançados da Psicologia Evolutiva, uma nova compreensão se apresenta em relação à idade adulta e à velhice, mostrando que “essas fases são etapas substantivas do desenvolvimento psicológico, um processo que dura a vida toda¹”, reconhecendo que a idade adulta é rica em transformações e que o desenvolvimento psicológico do indivíduo está em processo de evolução e se transforma continuamente.

* Graduada em Pedagogia pela FACEBA e Pós-Graduada em Educação Básica de Jovens e Adultos pela UNEB, e em Metodologia e Didática do Ensino Super pela UCSal, membro da Equipe Técnico-Pedagógica do Programa de Educação e Cidadania da Superintendência de Extensão e Ação Comunitária da UCSal, e-mail-mariamg@ucsal.br, autora.

** Graduada em Pedagogia pela UFBA, e Pós-Graduada em Psicopedagogia pela UFBA e em Educação Básica de Jovens e Adultos pela UNEB, membro da Equipe Técnico-Pedagógica do Programa de Educação e Cidadania da Superintendência de Extensão e Ação Comunitária da UCSal Coordenadora Pedagógica do Centro Estadual de Educação Magalhães Netto – CEA, e-mail – graciaf@ucsal.br, co-autora; Arlene Andrade Malta, Msc em Educação pela UFba, colaborada, e-mail – arlenea@ucsal.br

¹ Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos 2º segmento do Ensino Fundamental na EJA – MEC, 2002

Partindo da premissa de que questões relativas ao processo da EJA, em nosso País, necessitam de reflexões conceituais mais profundas, faz-se necessário um olhar diferenciado para este público que possui representações específicas. Com experiências pessoais e participação social singulares, o processo de ensino e aprendizagem na EJA requer o acolhimento, de fato, dos conhecimentos, interesses e necessidades desses alunos, bem como a formulação de propostas flexíveis e adaptáveis às diferentes realidades, contemplando temas sobre diversidade cultural, relações sociais, meio ambiente, cidadania, trabalho e exercício da autonomia, entre outros. Trata-se de uma tarefa complexa, mas que vem possibilitando a construção da identidade da EJA ao longo da sua história.

Muitos desses jovens e adultos, dentro da pluralidade e diversidade de regiões do País, nos mais diferentes estratos sociais, desenvolveram uma rica cultura. Essa cultura é trazida para a sala de aula e deve-se considerar a riqueza das manifestações, cujas expressões atestam habilidades e competências que não se pode negar.

Os jovens trazem interesses, motivações, experiências e expectativas importantes que os diferenciam do adulto; trazem, também, nas suas características, a intensidade dos desafios e das descobertas vivenciadas e a mobilização do convívio social, pois têm uma diversidade de conhecimentos sobre seu meio e utilizam diferentes formas de expressão. Estes alunos jovens e adultos trabalhadores buscam, também, a ascensão profissional e a melhoria de sua inserção no mercado de trabalho, com a obtenção do Certificado formal do grau de escolaridade.

Mais do que a certificação, “a vontade de dominar os saberes escolares” revela um recolocar-se na organização da sociedade ampliada, na busca do reconhecimento social e na afirmação da auto-estima. É importante atentar para o aluno jovem e adulto trabalhador que “não volta para a escola para retomar uma trajetória escolar interrompida, mas para reconstruir uma trajetória em busca de conhecimentos significativos nessa sua etapa de vida”.²

Com características diferenciadas e próprias de cada tempo/história dos jovens e dos adultos, essas diferenças estão traduzidas nas salas de aula no processo de ensinar e aprender, exigindo uma abordagem metodológica diferenciada para que esses alunos avancem no seu processo de escolarização. Assim o PEC, tendo como perspectiva responder, também, à necessidade que se impõe de um profissional com perfil e formação adequada para atuar nessa área, vem construindo um espaço de ensino e aprendizagem que inclui as dimensões social, ética, política, afetiva e espiritual, permeado de conteúdos técnico-pedagógicos que definem a atuação consciente dos alunos dos cursos de graduação da UCSal como agentes transformadores. Tudo isso acontece com base no planejamento participativo e na execução das atividades de formação desse aluno-estagiário, que se propõe e dispõe a ser um professor pesquisador, compreendido, aqui, como o profissional de educação que investiga a própria prática, no movimento de ação-reflexão-ação, contribuindo, assim, para a construção e reconstrução da práxis pedagógica.

A Proposta Curricular do MEC, um dos referenciais que fundamentam esta Proposta da UCSal — apresenta algumas características do adulto, ressaltando a sua relação com o processo de aprendizagem, o que vem confirmar as nossas observações quanto ao aluno jovem, adulto e idoso do PEC que:

- relaciona, no seu processo cognitivo, aprendizagem, interação com o meio sócio-cultural e os processos de mediação;
- mostra mais capacidade de reflexão sobre o conhecimento e sobre os seus próprios processos de aprendizagem;
- vivencia a questão do auto-conceito, no tocante às possibilidades e limites que se expressam através de atitudes de insegurança, medo de se expor ao ridículo, percepção de que são incapazes de aprender, resistência à mudança, relação imediatista com o conhecimento;

² Op. Cit.

- responde pelos seus atos e palavras e assume responsabilidade diante dos desafios da vida;
- trazem, para a sala de aula, as representações sociais sobre o aprender, o ensinar, o papel do aluno e do professor, a relação com o conhecimento e os conteúdos que deverão estudar.

Conhecendo a história da educação brasileira e o lugar que a EJA nela ocupa, um lugar de exclusão, desigualdades e desvantagens, o Programa de Educação e Cidadania vem se comprometendo a integrar essa complexa rede de relações que perpassa a EJA e o seu significado, ampliando os seus referenciais e aceitando os desafios, as dificuldades, as dúvidas, as novas crenças que encerra.

Vivemos, hoje, um grande e importante momento de transformação da humanidade, configurando novos olhares, novos questionamentos e novos redimensionamentos; enfim, um outro pensar sobre nós mesmos e o universo onde estamos. Repensamos o nosso universo planetário e repensamos, também, os nossos pequenos universos pessoais, sociais, ambientais e comunitários imersos nessa grande cadeia global. Discursamos, teorizamos e vivemos dentro de sistemas complexos de comunicação e informação que nos levam a novos mundos.

O processo de escolarização e de outras aprendizagens do aluno adulto está inserido nessa cadeia, com todas as suas implicações e singularidades, toda a complexidade da rede de significados bio-psico-sociais. Esses entendimentos nos levam a outras compreensões, a uma nova busca sobre como fazer e ser na EJA; trazem indagações que nos desafiam a perguntar: quais as possibilidades da EJA nesse mundo globalizado/planetário, vivendo e convivendo com sistemas tecnológicos que avançam velozmente e com as múltiplas referências postas em nosso espaço e na nossa história?

As concepções teóricas em que o Programa de Educação e Cidadania da UCSal vem se referenciando tomam como lastro o Construtivismo Sócio-Histórico, a Psicologia Genética de Jean Piaget, a Pedagogia Progressista e Libertadora do Prof. Paulo Freire.

Fundamenta-se, também, nos trabalhos de Vygotsky, Fernando Becker, Miguel Arroyo, Sergio Haddad, Magda Soares e tantos outros autores que comungam com os referenciais interacionistas e que nos trazem contribuições para repensar a educação de adultos numa perspectiva histórica, cidadã e, portanto, emancipatória. Salientamos, também, que a pedagogia freiriana é contemplada de forma especial no PEC, por ser capaz de contextualizar a Educação de Jovens e Adultos a partir dos princípios da Educação Popular, compreendida na perspectiva de Freire e Nogueira (2001:66), como espaço onde as pessoas do bairro ou da favela aprendem a transformar suas dificuldades em melhor viver.

Essa abordagem teórico-metodológica, imbricada na prática que vivenciamos, nos autoriza a exemplificar com a experiência desenvolvida pelos estagiários-professores de História que, ao transgredirem a sua prática e o seu pensar, trazem uma nova possibilidade de transitar na História, incorporando, na sala de aula, uma outra linguagem, “*A História em Vídeo*”³, que envolve uma concepção multirreferencial e uma prática dialógica, que leva em conta a heterogeneidade da sala de aula, implicando uma multiplicidade de olhares, onde o outro “transforma o nosso sistema de referência”⁴, reafirmando, portanto, os princípios e pressupostos concebidos nessa proposta, que se coadunam com o documento base do pensamento pedagógico contemporâneo registrado no *Relatório Jacques Delors* – resultado de trabalhos desenvolvidos pela ONU e UNESCO, destacando as quatro “aprendizagens” fundamentais para os homens e mulheres do século XXI, “essenciais para a sua realização pessoal e coletiva e que perpassarão toda a sua existência: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser”.⁵

³ A História em Vídeo é um testemunho de um jeito de fazer história viva, aonde os alunos vão reconstruindo a sua história de vida, associando à sua leitura de mundo e aos conteúdos trabalhados, como sujeitos ativos da sua história e da história de todos nós.

⁴ Cf Jacques Ardoino in *A Religação dos Saberes — o desafio do século XXI*.

⁵ Cf. *EDUCAÇÃO, um tesouro a descobrir — Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*.

A experiência construída pelos estagiários de História mostra que há uma mudança no papel do professor, como nos diz Muniz Sodré (2000) “ele não é mais o que detém em termos absolutos o saber, é o que detém a porta, uma passagem, o que faz a mediação. E essa mediação é menos de entupir de informação e mais de levar o indivíduo a refletir, a imaginar e a criar”. E nós diríamos, de religar os saberes construídos e vividos nas suas culturas, nos diversos espaços que interagem, numa “*dinâmica de relacionamento que o indivíduo tem com o real dele, com a sua realidade*”.

Nas várias atividades pedagógicas que constituem o cotidiano do Programa de Educação e Cidadania, também vai sendo gestada uma nova compreensão de currículo, constatada nas Reuniões Pedagógicas, onde a prática da sala de aula vai sendo ressignificada no trabalho partilhado pelos estagiários/professores em sala de aula; na auto-reflexão dos professores e alunos sobre o processo de ensinar e aprender; nos estudos, nas observações e nos registros da própria prática, permitindo leituras, releituras e novos escritos.

Ao compartilharmos os nossos saberes e as nossas diferenças, professores, alunos e equipe de coordenação desse Programa vão se confrontando nas suas certezas, nas suas dúvidas, possibilitando, assim, novos olhares para um currículo emancipatório, acreditando num “sujeito educativo que é, ao mesmo tempo, criativo, híbrido, reativo e construtor de significados. Um sujeito que, diante da dominação inventa o riso, faz a comédia, apela para o grotesco, e às vezes, produz a tragédia”.⁶ Um currículo como um veículo propulsor entre as culturas que convivem no ambiente pedagógico e as diversas culturas brasileiras. Um currículo que permita ao homem se reintegrar, se religar ao seu fio condutor de saberes e de viveres, afirmando a sua dignidade de sujeito social, no seu espaço, na sua cultura, como nos mostra uma aluna da Alfabetização de Idosos: “*Vivia doida para aprender. Eu sou católica, todo mundo pega a Bíblia e lê. Eu não sabia ler e queria aprender, nem que fosse o folheto da igreja*”.⁷

Os alunos vão nos dando a direção para a construção do nosso currículo. Trazem para a sala de aula as suas vidas, os seus caminhos, os seus limites, desejos e necessidades reveladas em suas falas, a exemplo desta: “*Professora, o que eu mais quero é aprender a escrever meu nome para não botar o dedo na hora de comprar uma coisa ou quando vou assinar a ficha no médico! Eu fico com vergonha*”.

Ao acolher os alunos nas suas necessidades e nos seus direitos, esses estagiários-professores vão reinventando a sua prática, ensinando a ler e escrever, trabalhando os conteúdos de História através de metáforas e a cultura popular articulada ao processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa; ou quando a professora de História percebe que uma aluna do Ensino Fundamental – 2º Segmento, não sabe ler e escreve muito mal, e propõe ao seu parceiro de trabalho o desenvolvimento de um projeto intitulado *O Professor de História Enquanto Alfabetizador*⁸.

Esses professores, sujeitos e interlocutores da sua formação, compreenderam o que nos diz Freire (1999):

algo que não nos é estranho a educadoras e educadores. Quando saio de casa para trabalhar com os alunos, não tenho dúvida nenhuma de que, inacabados e conscientes do inacabamento, abertos à procura, curiosos ‘programados, mas, para aprender’, exercitaremos tanto mais e melhor a nossa capacidade de aprender e ensinar quanto mais sujeitos e não puros objetos do processo nos fazemos.

⁶ Cf. Maria de Lurdes Rangel Tura in *Currículo: debates contemporâneos*, 2002.

⁷ Aluna do PEC.

⁸ Esta proposta surgiu de uma necessidade real evidenciada na sala de aula, qual seja: os alunos não liam ou liam pouco, então, como ensinar História? A partir daí os estagiários-professores propuseram um fazer diferente que, naquele momento, era emergencial.

Esta prática reafirma que a proposta teórico-metodológica desse programa compartilha da concepção registrada na Proposta Curricular para a EJA, apresentada pelo MEC e Secretaria de Ensino Fundamental aos educadores de todo o País, quando propõe uma inversão da lógica que vem pautando a seleção e a organização de conteúdos na escola regular. Essa nova ordem se apresenta em consonância com o *Relatório Jacques Delors* quando mostra “a opção por uma concepção pedagógica que foge ao padrão hegemônico da razão cartesiana, estrutural ou positivista, sugerindo mesmo o movimento dialético da historicidade, a partir da transformação dos educandos em sujeitos do seu próprio processo educativo e de seu devir”.

Neste sentido, e face aos objetivos e às especificidades da EJA, a Proposta Curricular do MEC sugere-nos identificar as capacidades, competências ou habilidades que se pretende que o jovem e o adulto construam e desenvolvam, tomando-as como indicadores para guiar a proposta pedagógica, a seleção e a organização dos conteúdos nos diferentes âmbitos do conhecimento, quais sejam:

- *Compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito;*
- *Posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas;*
- *Conhecer características fundamentais do Brasil nas dimensões sociais, materiais e culturais, como meio para construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência ao País;*
- *Conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sócio-cultural brasileiro, bem como aspectos sócio-culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais;*
- *Perceber-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles, contribuindo ativamente para a melhoria do meio ambiente;*
- *Desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em sua capacidade afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social, para agir com perseverança na busca de conhecimento e no exercício da cidadania;*
- *Conhecer o próprio corpo e dele cuidar, valorizando e adotando hábitos saudáveis como um dos aspectos básicos da qualidade de vida e agindo com responsabilidade em relação à sua saúde e à saúde coletiva;*
- *Utilizar as diferentes linguagens – verbal, musical, matemática, gráfica, plástica e corporal – como meio de produzir, expressar e comunicar suas idéias, interpretar e usufruir as produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação;*
- *Saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos;*
- *Questionar a realidade, formulando problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação.*

Assim, as disciplinas ou áreas de estudo passam a ser consideradas como recursos que ganham sentido em relação às capacidades relacionadas com os aspectos cognitivos, afetivos, físicos, éticos e estéticos, de forma a expressar a formação básica necessária para o exercício da cidadania e do conhecimento do homem integral.

A abordagem metodológica vivenciada nesse programa também contempla a dimensão do trabalho participativo, onde a experiência pedagógica é compartilhada, investigada e sistematizada no cotidiano do Projeto, possibilitando a troca de saberes entre os sujeitos, numa rotina que ultrapassa a sala de aula, ampliando, assim, os tradicionais espaços de aprendizagem que abrangem o entorno dos sujeitos envolvidos: o lugar do trabalho e de outras vivências, onde cada um interage e constrói o seu cotidiano. Assim, o estagiário – professor, em sala de aula, faz a experiência do professor pesquisador, caracterizado como o profissional que, no exercício da ação-reflexão-ação, operacionaliza a reconstrução da práxis pedagógica. Isto porque, a partir da observação, do registro e da análise das múltiplas interações possibilitadas no seu *quefazer*, o professor passa a ser o pesquisador da sua própria prática, buscando nela elementos que possibilitem a transformação e reconstrução do ato pedagógico.

A sala de aula é compreendida, aqui, como um espaço que possibilita interações entre professor e alunos, e desses com os vários objetos de conhecimento, tornando-os agentes que interatuam, decidem e constroem o processo de aprendizagem. Dessa forma é que se compreende que a práxis pedagógica se dá numa relação de troca coletiva e, portanto, pressupõe diferentes níveis de saberes e de participação. Compreendendo, ainda, que o saber sistematizado nunca é definitivo, alicerçamos o fazer pedagógico do Programa em saberes como o expresso por Piaget (2001:109)

[...] não se deve esquecer um fato fundamental: é que a ação modifica constantemente os objetos e estas transformações são igualmente objeto de conhecimento. Uma das proposições essenciais de K. Marx, em sociologia, é que o homem age sobre a natureza, com o objetivo de produzir, estando ao mesmo tempo condicionado pelas leis da natureza. Esta interação entre as propriedades do objeto e as da produção humana é encontrada na psicologia do conhecimento: não se conhecem os objetos senão agindo sobre eles e neles produzindo alguma transformação.

Vale ressaltar que todas as etapas do processo educativo são vivenciadas na perspectiva dialógica, portanto construtivista, e envolve alunos, estagiários-professores e técnicos como sujeitos responsáveis pelo fazer, refletir e (re)construir a prática pedagógica no cotidiano da vida, através de uma metodologia que contempla o uso de várias linguagens, o exercício da interdisciplinaridade, a articulação dos conteúdos prévios com os novos conteúdos, a construção de conceitos, aprendizagens e saberes através da ação-reflexão-ação, o exercício e o desenvolvimento de habilidades relativas aos atos cotidianos de pensar, falar, ouvir, ler e escrever, a avaliação em processo e no processo de todos os envolvidos no ato pedagógico: o aluno, o professor e o processo de ensinar e aprender.

REFERÊNCIAS

ARDOINO, Jacques. *A Complexidade*. In: Morin, Edgar. *A Religação dos Saberes —O desafio do século XXI*. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2001.

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria do Ensino Fundamental. *Proposta Curricular para a educação de jovens e adultos: segundo segmento do ensino fundamental: 5ª a 8ª série: 2002*.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1999.

PIAGET, Jean. Seis Estudos de Psicologia. Tradução Maria Alice Magalhães D'Amorin e Paulo Sérgio Lima Silva. 24 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

SODRÉ, Muniz. *Cultura, diversidade cultural e educação*, in: Multiculturalismo — mil e uma faces da escola. Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2002.

TURA, Maria de Lourdes Rangel. *Conhecimentos Escolares e a circularidade entre culturas*, in: Currículo: debates contemporâneos. São Paulo, 2002.